

ilustrada **coronavírus**

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

A EXPLOÇÃO SOCIAL

Um estudo da Fiocruz mostra que o número de óbitos na cidade de Manaus explodiu de forma centenas de vezes mais dramática do que em outras capitais que enfrentam a mesma epidemia da Covid-19.

ANTES Na 11ª semana epidemiológica deste ano, de 15 a 23 de março — antes do registro do primeiro caso da doença na cidade — 215 pessoas morreram em Manaus, de variadas causas. No ano passado, tinham sido 205 no período.

DEPOIS Já na 16ª semana, de 19 a 25 de abril, depois da Covid-19, houve uma explosão: 972 pessoas morreram, contra 215 na semana equivalente de 2019 — um salto de 350%.

PARALELO Já em São Paulo, onde a pandemia começou, o salto foi de 28%: no ano passado, 1.622 pessoas morreram na capital paulista na 16ª semana. Neste ano, foram 2.077.

PARALELO 2 No Rio de Janeiro, o salto foi de 62%; em Fortaleza, de 40%.

DOIS BRASIS De acordo com o cientista Jessem Orellana, as diferenças escancararam as desigualdades sociais e de acesso a serviços de saúde nas diferentes regiões do país.

HORROR “Manaus poderia ter perdido um número infinitamente menor de vidas se tivesse estrutura laboratorial e hospitalar ao menos parecida com a de outras capitais”, afirma ele.

HORROR 2 “Entre os mortos estão vítimas da Covid-19 e de outras enfermidades que não encontraram hospitais”, diz ele. As mortes em casa ou em vias públicas saltaram de 33, em 2019, para 268 na 16ª semana do ano.

EU, HEIN Lula já vinha recusando convites para participar de debates e eventos com os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e Michel Temer.

EM OUTRA O petista tem dito interlocutores que não consideram mais que os dois, que apoiaram o impeachment de Dilma Rousseff, são democratas.

BEM LONGE Na segunda (9ª), Lula foi explícito em relação a FHC ao dizer que não assinaria manifestos contra Jair Bolsonaro “com determinadas pessoas”.

ELESABE As pessoas que convivem com Lula relatam que uma das mágoas do petista em relação a FHC foi o fato de ele nunca ter saído em defesa do petista na época em que ele foi condenado à prisão.

CORDA Já Temer não teria cumprido acordos políticos que teriam evitado a queda de Dilma, segundo relata Lula.

CORDA 2 Os diferentes manifestos têm unido pessoas de polos extremos, como Caetano Veloso e Lobão.

CORDA 3 Os organizadores do manifesto “Basta”, de advogados e juristas, conseguiram uma façanha: colocar no mesmo abaixo-assinado o ex-procurador Carlos Fernando dos Santos Lima, estrela da Lava Jato, e um de seus maiores críticos, o advogado Antonio Carlos de Almeida Castro, o Kakay.

QUARENTENA



Sandra Annenberg no Instagram



Leandra Leal no Instagram



Wagner Santisteban no Instagram

A apresentadora Sandra Annenberg **1** posou com uma blusa de tricô que ela mesmo confeccionou. A atriz Leandra Leal **2** perguntou a seus seguidores qual roupa ela deveria usar para ficar em casa, e o ator Wagner Santisteban **3** publicou que foi à feira

FORA Lideranças do povo Yanomami lançam nesta terça-feira (2) a campanha #ForaGarimpoForaCovid pela saída de garimpeiros que hoje se encontram dentro de seu território indígena. A ação será reforçada por petição destinada a autoridades do Legislativo e do Executivo e por um filme.

VOZ Cinco associações promovem a campanha. Diário Kopenawa Yanomami, filho de Davi Kopenawa e vice-presidente da Hutukara Associação Yanomami, é um dos protagonistas.

CALENDÁRIO A secretária Regina Duarte (Cultura) está articulando junto ao ministro do Turismo, Marcelo Álvaro Antônio, para que seja definida nesta semana a data da reunião do comitê gestor do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) — a previsão é que ele ocorra na semana seguinte. Os dois devem tratar do tema em uma live nos próximos dias.

COFRINHO O comitê gestor é responsável por definir as diretrizes e o plano anual de investimentos do FSA, principal fonte de financiamento do setor.

LUPA O Cremesp (Conselho Regional de Medicina do Estado de SP) registrou, nos últimos 15 dias, quatro novas denúncias referentes a falsos tratamentos médicos e a fake news sobre a Covid-19. Duas sobre propriedades da cloquina, envolvendo um médico e um dentista, e duas sobre minimização da pandemia.

Músico tenta vender violão e recebe R\$ 90 mil de vaquinha virtual

Luís Filipe de Lima conseguiu o dinheiro para se manter e não teve de se desfazer de seu instrumento de sete cordas



O músico Luís Filipe Lima com o seu agora famoso violão de sete cordas. Mariana Figueiredo/Divulgação

DIAS MELHORES

Carlos Bozzo Junior

SÃO PAULO Por necessidade financeira, o músico Luís Filipe de Lima teve de pôr à venda o “Seu Sete”, um violão de sete cordas da marca Do Souto, repleto de histórias, pelo preço de mercado, R\$ 12 mil. O instrumento foi anunciado num post de Facebook.

A postagem-desabafo viralizou e desembocou numa vaquinha online. O autor do anúncio ameliou, até o momento da publicação desta reportagem, mais de R\$ 90 mil, por meio de 700 apoiadores. O valor possibilitou ao músico manter seu instrumento de trabalho e garantir a sobrevivência nos meses de vacas magras que estão por vir por causa da pandemia.

Comotudoaconteceu? Escrevi que estava vendendo o violão para pagar contas e que me colocava à disposição para trabalhos, incluindo o de jornalista, pois também escrevo. Depois de algumas horas, fui verificado e havia seis pessoas me oferecendo o dinheiro, mas com a condição de que eu ficasse com o violão. Foi um avalanche de solidariedade e carinho das pessoas.

Quem organizou a vaquinha? A mãe do meu filho. Poste o anúncio às seis da manhã e fiquei offline. Voltei a olhar por volta das 1h e já tinha uma comção generalizada, amigos dizendo que tinha que fazer uma vaquinha para que eu não precisasse vender o violão.

Ai quem pulou na frente foi a mãe do meu filho, que é uma pessoa cheia de iniciativa. Ela me ligou dizendo que estava na frente do computador, tinha feito um texto para a tal da vaquinha, eu concordei e aí começou a funcionar.

Na verdade, eu não pensava nisso. Pensava em vender o violão pelo preço de mercado dele, R\$ 12 mil, mas a gente que é músico sabe que vale mais pela história dele, que não estava embutida nesse valor. Também poderia ter pedido menos porque eu estava no sufoco, mas resolvi pedir o preço de mercado para ver o que iria aparecer.

O que em sua opinião comoveu tanto as pessoas? Acho que a novidade não foi só o fato de eu ter contado a história desse violão, que tem 25 anos. Viajei o mudo inteiro com ele.

Fiz teatro com ele. Televisão, cinema, discos, shows com ele. Escrevi arranjos com ele. Toquei em boteco, em lugares ótimos, em pocilgas e lugares escabrosos. Além de ter acompanhado centenas de cantores. Se fossemos calcular isso em horas de funcionamento ao longo desses 25 anos seria um número absurdo.

Por outro lado, não me senti constrangido em declarar minha quase insolvência porque eu sempre trabalhei muito, e nunca precisei me preocupar com as finanças. Somos músicos e, como profissionais autônomos, há meses em que entra mais, há meses em que entra menos grana, mas a gente vai se acostumando com essa vida. Agora, a situação da força de trabalho do país foi ficando cada vez mais difícil, principalmente para quem está envolvido com o setor cultural.

Ficamos muito desguarnecidos. Pegamos os últimos anos da Dilma, em que já havia uma crise econômica e que começou a se acentuar causando danos sobretudo para os personagens autônomos ligados à economia criativa.

Depois o Temer entrou e acabou com o Ministério da Cultura. Como houve uma grieta muito grande, ele resolveu voltar atrás e transformou a recém-criada Secretaria da Cultura novamente em ministério, só que as verbas minguaram, e muito. Contudo, as coisas ainda se manti-

nam funcionando na época do Temer. O cinema, a Ancine estava preservada, por exemplo. Só que entrou o governo que está aí, do inominável.

Ofertas de trabalho também surgiram com o anúncio? Além das pessoas contribuindo na vaquinha, teve muita gente dizendo que não podia contribuir, mas deixaram palavras de carinho, além de outras oferecendo projetos, propostas e trabalhos, para serem feitos agora ou mais para frente.

A que você atribui tamanha solidariedade? Eu já vivi muito e sempre convivi com vários grupos de gente diferente. O pessoal do samba, do choro, das escolas de samba, da música pop, de gravações de CDs. Tem o pessoal do teatro, do cinema, da faculdade de jornalismo onde me formei. Então tive muitas respostas de diferentes amigos, dizendo que leram o anúncio e choraram à beça. Foi uma avalanche do bem.

Muita gente me ligou, mas eu não conseguia atender. Falava com três pessoas ao mesmo tempo. Essa história — não consigo falar que viralizou, porque vírus agora dá um trauma danado —, mas ela teve um alcance multiplicado desse jeito, talvez porque eu seja um músico, produtor e agente cultural conhecido por sempre dar trabalho, no bom sentido, para os outros. Eu sempre chamo muita gente para trabalhar. Monto elenco com cantores, músicos, bandas e técnicos.

E o fato de um cara como eu reclamar, se queixar e pedir ajuda, tendo de vender meu instrumento porque a situação ficou complicada, além de precisar de trabalho, mexeu com todo mundo.

Quais trabalhos já apareceram para você? Nessa situação de isolamento posso fazer arranjos, por exemplo, e já pintou um. Fiz uma gravação aqui em casa mesmo e vou mandar para ser mixada num estúdio. Tem outros projetos em curso também. Nesta situação em que estamos há muitos músicos dando aulas e também vendendo seus instrumentos, fazendo lives, mas pense nos roadies, técnicos de som, iluminadores. Esses caras não têm como fazer lives. Até podem fazer, mas não terão o alcance de um cara que canta ou toca. Agora temos que pensar e ajudar esses caras.